

**RADAR ESPECIAL**

# Fórum Mundial de Educação ressalta educação e economia solidária

O Fórum Mundial de Educação (FME) fechou a programação de 150 anos do município de Santa Maria, entre os dias 28 e 31 de maio. Sob o tema "Educação: Economia Solidária e Ética Planetária", mais de 30 mil pessoas, conforme a organização do evento, passaram pelas conferências maiores, ocorridas no Centro Desportivo Municipal, ou pelas dezenas de locais na cidade que abriram espaço para as discussões temáticas. O FME surgiu em Porto Alegre, em 2001, e estabelece uma relação de causa e consequência com o Fórum Social Mundial, que, em 2009, volta ao Brasil, em Belém do Pará.

RENATO SEERIG



Cerca de 6 mil pessoas estiveram dia a dia nas palestras

A abertura do Fórum Mundial de Educação ocorreu na quarta, 28 de maio. O secretário municipal de Educação, Carlos Pires, um dos principais articuladores para a vinda do encontro para Santa Maria, enfatizou a importância da presença do secretário de Ensino Profissional e Tecnológico do MEC, Eliezer Pacheco, que foi um dos mentores do FME, em Porto Alegre. Para a coordenadora do projeto Esperança/Cooperança, Irmã Lourdes Dill, que também é responsável pela Feira de Economia Popular e Solidária, a busca de uma "economia solidária" e de "inclusão social" passa, obrigatoriamente, pelo processo educacional.

Raul Moncada, educador colombiano que integra o comitê internacional do FME, exortou a todos a se unirem na luta pela construção de uma nova sociedade, em que as pessoas não sejam formadas meramente para serem "consumidoras". O prefeito de Santa Maria, que finalizou o ato de abertura do encontro, destacou que não se faz educação sem uma "visão de solidariedade e inclusão social".



FRITZ NUNES

Irmã Lourdes dirige mística, com autoridades, na abertura do FME

NICHOLAS FONSECA



Williamson e Gadotti: uma nova educação é possível

## Igualdade e diversidade

Quando se fala em educação é preciso levar em conta três princípios norteadores: o da igualdade, o da diversidade e o da solidariedade. Assim estabeleceu em seu discurso o professor Guillermo Williamson, que é integrante do Ministério da Educação do Chile e também presta assessoria a órgãos como o UNICEF. Falando na manhã do dia 29, dentro do Eixo I "Educação e Economia Solidária", o chileno disse gostar do

conceito de "economia de cooperação" ou "solidária". Esse tipo de atuação se sustenta, explicou, num aspecto de "voluntarismo", de "responsabilidade" de seus membros e também no "compromisso ético" de quem produz. A economia solidária prescinde de uma "pedagogia da solidariedade", destacou Williamson.

Na condição de conferencista sobre o tema também esteve presente o economista formado na UFSM,

mestre em Desenvolvimento Regional, atualmente lecionando e também assessorando o PT na Assembléia Legislativa, Sérgio Kapron. Para ele, a educação e a economia de qualquer país sustentam a ideologia vigente (ou dominante). "No capitalismo, o que temos são os valores da competição e da concorrência, numa lógica em que os trabalhadores precisam se adequar a uma estrutura que existe para a reprodução do capital", enfatizou o economista. É possível superar essa estrutura? Para Kapron, os trabalhadores da economia popular e solidária demonstram de uma forma bastante "revolucionária" de que é possível se orientar por uma outra lógica, que não apenas a do lucro.

O mediador da conferência foi o professor Moacir Gadotti, do Instituto Paulo Freire, de São Paulo. Para ele, economia solidária é um conceito de vida. "Não há economia solidária sem que haja consciência, sem educação", frisou. Acrescentou ainda que "para uma outra educação possível, uma outra economia é necessária". No momento em que o planeta se encontra ameaçado, ressalta o discípulo de Freire, é importante enquadrar a "economia solidária" dentro de um modelo "sustentável", pois o modo capitalista atual, segundo ele, tem se mostrado "insustentável".

## Sem hierarquia

A socióloga Helena Singer, da ONG Semco, de São Paulo, também participou da Conferência "Educação e Economia Solidária". Ela apresentou, em termos práticos, novas formas de educar, através das quais se possa "radicalizar a democracia". Helena é responsável pela Escola Lumiar, que possui um modelo diferente de aprendizagem. Nessa instituição, a opinião dos alunos tem o mesmo peso do parecer de pais ou funcionários. As crianças são co-responsáveis pelo próprio processo de aprendizagem. Isso significa que são elas que estabelecem o que têm interesse em aprender. Os professores da Lumiar também são bem diferentes das outras escolas. Lá, eles não são, necessariamente, pedagogos, mas sim profissionais de todos os tipos. Os únicos pressupostos para que participem da proposta da escola é que sejam especialistas em alguma área de conhecimento e que se mostrem apaixonados pelo que fazem.

A socióloga é extremamente otimista quanto a esse método pedagógico diferenciado. Para ela, é possível estruturar uma escola em que não haja hierarquia, onde cada um tenha sua função, mas sem estabelecer uma estrutura de poder que acabe por concretizar atitudes opressoras. O educador, segundo Helena, constrói sua autoridade pelo conhecimento, através do "exemplo", e não por um poder hierárquico. (Para saber mais sobre a 'Lumiar' acesse [http://www2.uol.com.br/aprendiz/n\\_revistas/revista\\_educacao/abril03/capa.htm](http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_revistas/revista_educacao/abril03/capa.htm)).